

Safra 1944

» CRISTOVAM BUARQUE

Professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

Ao convidar um colega para tomar um vinho em sua casa, um parlamentar reconhecido perguntou em que ano o convidado havia nascido. Ao ouvir 1944, disse: “Péssimo ano, vou escolher outra safra”. É possível que tivesse razão em relação a vinhos, mas erraria se falasse da safra de brasileiros.

Imaginemos o Brasil sem Chico Buarque, nascido em 1944. Haveria um imenso vazio na cultura brasileira, especialmente na música popular. O mundo não contaria com alguns dos mais belos poemas da língua portuguesa. Sua obra tem tanta qualidade que é difícil escolher qual de suas composições deixaríamos de lado ao escolher as melhores. Outros compositores têm músicas de qualidade que emocionam, mas nenhum tem um conjunto tão pleno de emoções e tão variadas. Chico é o Pelé da música popular brasileira, merece ser chamado de Rei. Além disso, nos deu bons romances, peças de teatro e uma vida de coerência cidadã sempre ao lado da justiça social.

Sebastião Salgado, o mais conhecido fotógrafo contemporâneo no mundo, que inovou no tema e na forma, também é de 1944. Ele é o primeiro fotógrafo a ver e entender cada país como pedaço do mundo, e não o mundo como a soma dos países. Um humanista brasileiro que fotografa o planeta e a humanidade, com estilo próprio que, muitas vezes, emociona como pintura sem deixar de ser fotografia. Seus ensaios sobre a natureza, migrantes, trabalhadores e povos originários registram a coabitação do Homo sapiens com a mãe Terra na civilização contemporânea.

Seu *Gênesis* é uma coletânea de fotos que mostra o mundo na passagem entre os séculos 20 e 21. Como cidadão humanista, foi além da fotografia e usou sua energia para melhorar o mundo ao replantar parte da Mata Atlântica. Ele não apenas fotografou florestas, fez uma floresta para o Brasil e o mundo.

Paulo Sérgio Pinheiro faz parte do seletivo grupo de personalidades que compõem os defensores de direitos humanos nas Nações Unidas. Foi o relator especial da ONU para a tragédia social em Myanmar e líder da Comissão Internacional encarregada de investigar crimes de guerra cometidos pelo governo da Síria. Foi secretário de Direitos Humanos e um dos sete membros da Comissão da Verdade que apurou os crimes da ditadura militar no Brasil. Intelectual renomado, cientista político formado na Sorbonne, publicou livros que marcam o entendimento da democracia, da violência, do autoritarismo e dos movimentos populares na América Latina. Entre seus livros, estão *Escritos indignados*, *O Estado na América Latina*, *O Estado autoritário e movimentos populares*, *Democracia x Violência*, *Direitos humanos no século XXI*.

Jurandir Freire nasceu em Recife, na safra de 1944. Formado em medicina, logo escolheu a psiquiatria e a psicanálise. Depois de estudar na França, voltou ao Brasil e se fez um dos professores e intelectuais que são adotados como mestre por profissionais e seguidores da psicanálise, da subjetividade e da filosofia da mente. Impossível entender a psiquiatria no mundo atual sem referência a seus livros *Violência*

e *psicanálise*, *História da psiquiatria no Brasil* e *O ponto de vista do outro*.

Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, é exemplo do comportamento e do pensamento no Brasil. Sem romper com sua formação católica, promoveu ruptura no arcabouço dos dogmas tradicionais. É um dos grandes escritores do Brasil. Em *Fidel e a religião* fez um hino ao diálogo, com a radiografia do encontro entre frade dominicano e governante marxista; com *A mosca azul: reflexão sobre o poder*, *Batismo de sangue* e *Alfabeto: autobiografia escolar*, demonstra ser rigoroso observador do mundo, da política e da vida; com *A obra do artista: uma visão holística do universo* e *Sinfonia universal — a cosmovisão de Teilhard de Chardin*, se afirmou como filósofo e teólogo. Militante contra a ditadura, preso e torturado, jamais abriu mão de defender o que julga ser o melhor para a alma e a vida do povo brasileiro.

João Câmara, um dos maiores pintores do Brasil, em todos os tempos, e do mundo, nos tempos atuais, faz parte da Safra 44. Além de desenhista, gravurista, professor e crítico de arte, é dono de um estilo inimitável, premiado internacionalmente em inúmeras exposições individuais no país e no exterior. Graças à variedade e à ousadia de sua obra, é o mais versátil de nossos pintores. Pioneiro no uso de ferramentas digitais para compor seus quadros mais recentes, é não apenas grande pintor, também um vanguardista que rompe paradigmas na forma e na técnica da pintura.

Felizmente, gente não é vinho.

Liderança estratégica em um mundo multidimensional

» OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS

General da reserva. Foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

A diversidade e a evolução das formas de comunicação, promovidas principalmente pela ascensão de novas tecnologias digitais, levaram a opinião das pessoas a circular na sociedade de maneira mais amplificada, acelerada e, às vezes, distorcida. Nesse mundo de constantes transformações, os princípios que regem a liderança estratégica — responsável por manejar a tal comunicação — passaram a ser considerados e aplicados por um número cada vez maior de gestores e organizações.

A condução das organizações enfrenta, em consequência da disseminação rápida das informações, o embate entre a visão tradicional mecanicista (uma espécie de manda quem pode, obedece quem tem juízo) e as novas formas matriciais de gerir os “negócios” (um por todos, todos por um).

Até nossos dias, em um processo que nasceu na Revolução Industrial, as organizações foram sendo estruturadas com ênfase na hierarquia, na racionalidade e na eficiência operacional, comportamento que persiste quase como cláusula pétreia.

Ainda assim, ocorreram críticas a esse padrão de gestão. O sociólogo Max Weber, em seus estudos sobre a burocracia, durante sua viagem aos Estados Unidos, na década de 1900, deixou uma ponta de dúvida quanto à eficácia do processo top down ao demonstrar preocupação com “os efeitos psicológicos e sociais da proliferação da burocracia — a mecanização da vida humana, a erosão do espírito humano e o solapamento da democracia”.

Pesquisadores mais modernos do tema, como Capra e Luisi, reforçaram que a abordagem mecanicista, embora, na época, tenha carreado benefícios em termos de padronização e controle, negligenciou a complexidade e a dinâmica humana intrínseca a todas as associações.

Na esfera militar, Samuel Huntington, que analisou e aprofundou as relações entre o soldado e o Estado, reconheceu, na década de 1950, os desafios enfrentados pelas organizações militares ao adotar rígidas estruturas burocráticas. E ele enfatizou — a meu juízo, quase como uma crítica — que “a função militar é desempenhada por uma profissão pública burocratizada, especializada na administração da violência e responsável pela segurança militar do Estado”.

Já Morris Janowitz, na década de 1960, outro analista das relações entre civis e militares, alertou sobre a importância de valores como dever e lealdade dentro das forças armadas, destacando que eles seriam fundamentais para o profissionalismo militar, deveriam ser reconhecidos e colocados acima das estruturas burocráticas formais. Declarou o professor: “Particularmente numa sociedade de livre iniciativa e motivada pelo lucro, a instituição militar exige um sentido de dever e de honra para atingir os seus objetivos. O heroísmo é uma parte essencial dos cálculos até mesmo dos pensadores militares mais racionais e autoritários”.

Atualmente, a luta entre a burocracia, os valores e a modernidade a impactar a gestão de organizações (inclusive das atividades castrenses) passou para um campo de batalha menos engessado, quando alguns pesquisadores sugerem que as estruturas sejam vistas como sistemas vivos e dinâmicos, caracterizados por redes complexas de interações culturais, ecológicas, econômicas, humanas, políticas, militares, tecnológicas etc.

Esses pesquisadores propõem que uma gestão mais adaptativa e flexível, integrando aspectos materiais e processos não materiais, será crucial para o sucesso tático e estratégico nos novos tempos. Nas estruturas militares tradicionais, essa nova abordagem desafiaria o senso histórico de poder e de autoridade consolidados e respeitados por séculos.

Em um exercício de imaginação, caso a instituição fardada optasse por incorporar essa nova abordagem, ela deveria buscar maior flexibilidade nas dinâmicas internas das estruturas, incluindo paulatinamente uma cultura de modernização organizacional, uma liderança compartilhada e uma interação interpessoal.

Não restam dúvidas de que conjugar tradição e modernidade, mesmo para gerentes oxigenados por novas ideias, sejam civis ou militares, é um complexo desafio. Nesse novo ambiente, somente lideranças com mentes multidimensionais serão capazes de influenciar doravante suas organizações e a sociedade em geral.

E, no caso das lideranças militares, elas deverão oferecer direções inovadoras para o fortalecimento do poder militar de seu país, despertar interesses genuínos na classe política e na sociedade como um todo sobre o tema Defesa, preparando-se eficazmente para conduzir os jovens e digitais recursos humanos, fardados ou não, nos embates do século 21.



PPCUB e o desafio da preservação de Brasília

» CAIO FREDERICO E SILVA — Arquiteto e urbanista, diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB (FAU-UnB)

» RICARDO MEIRA — Arquiteto e urbanista, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU-DF)

» JOSÉ LEME GALVÃO JUNIOR (SONECA) — Arquiteto e urbanista, representante do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-DF)

» BENNY SCHVARSBURG — Arquiteto e urbanista, professor da Faculdade de Arquitetura da UnB

Brasília é patrimônio histórico e cultural, valorizado não só pelos brasilienses, mas também pelos brasileiros e estrangeiros que a visitam. Reconhecida como Patrimônio da Humanidade, Brasília é o único exemplar de arquitetura e urbanismo modernos a ser preservado para as gerações atuais e futuras. O modelo de tombamento urbanístico da cidade garante que escalas monumental, residencial, gregária e bucólica sejam preservadas, sem limitar ou impedir sua complementação e atualização permanente.

Nesse contexto, o recém-aprovado Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília (PPCUB) pela Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) permite alterações que impactarão fortemente as diversas escalas da cidade. Em tempos de mudanças climáticas e urbanização acelerada, Brasília deve manter seu compromisso com a sustentabilidade, a qualidade de vida e a preservação da sua natureza. Nesse sentido, arquitetos e urbanistas, profissionais que projetam, transformam e melhoram a cidade, fazem um apelo para que a população conheça os pormenores do PPCUB e cobre dos gestores que incorporem melhorias para a cidade, evitando a deterioração do seu futuro.

À medida que o mundo enfrenta desafios crescentes relacionados às mudanças climáticas, as cidades precisam adotar práticas de planejamento que não apenas minimizem seu impacto ambiental, mas também promovam uma resiliência a longo prazo. Vemos que Brasília, a partir da sua concepção original por Lucio Costa, tem extensa rede de áreas verdes e espaços abertos, sendo um exemplo de urbanismo sustentável. Manter essa visão é crucial para que a cidade continue sendo esse modelo de resiliência urbana que promove bem-estar e conexão com o meio ambiente.

Quanto à integridade da paisagem urbana e a preservação do patrimônio, o processo de verticalização na área tombada não pode desvirtuar

a escala gregária e bucólica de Brasília. Alertamos que alterações significativas na morfologia e nos princípios de planejamento urbano das áreas centrais ou nas margens do Lago Paranoá devem ser conduzidas por meio de projetos sensíveis, frutos de concursos públicos de arquitetura, tal qual Brasília foi concebida, visando garantir e potencializar a qualidade urbana e ambiental da cidade.

Reforçamos que as áreas verdes de Brasília são fundamentais para manter a qualidade do ar, reduzir as ilhas de calor e proporcionar espaços de lazer para a população. Qualquer redução dessas áreas, direta ou indireta, seria um passo atrás nos esforços de sustentabilidade urbana. Além disso, o aumento da densidade e da altura dos edifícios implica uma maior pressão sobre a infraestrutura existente, incluindo transporte, saneamento e serviços públicos. Devem ser evitados adensamentos nas margens do lago, buscando mitigar os impactos da urbanização, e deve-se buscar estratégias de regeneração urbana.

Brasília não deve reforçar os processos de gentrificação e exclusão social. A título de exemplo, a possibilidade de dinamizar os parques com a introdução de restaurantes e instalações comerciais, sem um projeto coordenado com as demandas da população, pode comprometer a tranquilidade e a função ecológica do parque. A mercantilização dos espaços verdes públicos deve ser abolida para não comprometer a integridade ambiental e a experiência natural oferecida por esses espaços. Outro exemplo negativo é a permissão que atividades comerciais sejam inseridas nos lotes do Setor de Embaixadas, o que pode comprometer a função diplomática da área.

Em um momento em que as cidades ao redor do mundo estão sendo desafiadas a adaptar-se às realidades das mudanças climáticas e da urbanização acelerada, Brasília deve se

posicionar como referência de resiliência urbana, fato que está em sua gênese. As autoridades locais, em colaboração com os arquitetos e urbanistas e demais profissionais envolvidos com a cidade, precisam garantir que cada passo dado seja em direção ao respeito e à preservação da essência de Brasília.

As críticas apontadas ao PPCUB estão ancoradas em premissas fundamentais. A preservação de um bem cultural, que garante a proteção e sua conservação, impõe que, uma vez protegido, não cabem interpretações fora do âmbito institucional de quem o tombou ou protegeu. Sabemos que existem diversas possibilidades e estratégias de conservação que devem necessariamente garantir a integridade das arquiteturas, das infraestruturas, das áreas verdes, da acessibilidade e mobilidade, enfim, das qualidades reconhecidas que integram o ambiente urbano do bem tombado. Sabemos que tombou ou proteger um bem é tarefa complexa, e mais ainda é conservar, justamente porque daí decorrem intervenções que visam conservar, mas serão sempre intervenções.

Por fim, é necessário defender firmemente que a cidade de Brasília continue a ser um bom exemplo de urbanismo preservado. A atuação responsável dessa categoria profissional é essencial para assegurar que qualquer desenvolvimento urbano seja realizado de maneira responsável e em harmonia com os princípios de preservação ambiental e cultural. Para discutir os desafios impostos pelo PPCUB, haverá um debate no Auditório Jayme Golubov da UnB, no próximo dia 10, às 18h, no Campus Darcy Ribeiro, com a participação de representantes do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU-DF), do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-DF) e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Todos estão convidados para contribuir com o futuro sustentável de Brasília.